

Augusto Deodato Guerreiro

CANTINHO ITINERANTE DO ESCRITOR

- Espontaneidade na Poesia e no Verso Branco -





CANTINHO ITINERANTE DO ESCRITOR
- Espontaneidade na Poesia e no Verso Branco -

Augusto Deodato Guerreiro

Almada, Junho 2016

TÍTULO: Cantinho Itinerante do Escritor
- Espontaneidade na Poesia e no Verso Branco (Poesia) -

AUTOR: Augusto Deodato Guerreiro

CAPA E PAGINAÇÃO: Serisexpresso, Lda.

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: António Saiote

PREFÁCIO: António Mendes

POSFÁCIO: Henrique Madeira

REVISÃO: Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes Guerreiro

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Serisexpresso, Lda.

DEPÓSITO LEGAL: 413562/16

ISBN: 978-972-95206-7-9

TIRAGEM: 150 exemplares

1ª Edição, Julho 2016

Todos os direitos desta edição estão reservados por EDLARS.
EDLARS - Educomunicação e Vida
e-mail: edlars.educomunicacaoevida@gmail.com
blog: deodatoguerreiro.blogspot.pt

CANTINHO ITINERANTE DO ESCRITOR
- Espontaneidade na Poesia e no Verso Branco -

ÍNDICE

Prefácio de Antonio Mendes	7
Nota Prévia do Autor	9
A Vida na Ponta dos Dedos	15
Perdem-se-me Coisas no Tempo	16
Semeando Chaves	17
Pondo na Vida Canção	18
Passos do Tempo	19
Em Alte	20
Origens do Meu Voo: As Saudades que Respiro	21
Serenata a Alvalade	22
Padrão	23
Nas Planícies do Meu Azul	24
O Teu Dia que te Canto	25
Santiago Meu Concelho!	26
Num Ápice	27
Convocatória ao Natal	28
Em Quarteira	30
Alvalade é um Sorriso	31
À Sombra do Pensamento	32
Por Lisboa	34
O (In)Dizivelmente/Sensível nas Poéticas da Vida	35
Na “Pérola” de São Simão de Litém!	38
Flores para TiQuatro, Amor a Cinco!	40
À Papoila do Cimo do Casal	42
À Sombra da Minha Árvore	43
O Oportunismo que me Olha, Ataca e Enaltece	44
Reflectindo em Sonetinho	45
Ouvertocar o Sorrir do Silêncio	46
Tumultos do Imaginário dos Silêncios	48
Já na Idade de Ouro	50
Relembrando a “Pérola de São Simão de Litém”	52
Ao Moinho de Vento	53

Palavras que Pingam	55
No Silêncio que Às Vezes Sou	57
“Vinho do Cunhado”	58
Parabéns, Papoila Linda!	59
A Saudade é Portuguesa	60
Saudade	61
De Súbito	62
Já Partiram... Mas Sempre Permanecem	63
Nasce Aqui o “Cantinho Itinerante do Escritor”	65
O Meu BeijoAbraço de Parabéns!	66
Viver é Sorrir Sempre à Vida	68
Arco-Íris da Alma	69
30 Anos Depois, Reflectindo em Grata Satisfação, Parabéns aos Quatro!	70
Voz dos Tempos	72
Regando a Realidade	73
Na Noite que Não Dorme	74
A Força da Força	75
Parabéns, Bela Papoila!	76
No Pélago da Palavra	77
As Palavras que Mais Uso	80
Escrevendo ao Vento	81
Há Sempre uma Ovelha Ronhosa	82
O Mundo Continua Igual	83
Luar Azul	84
As Palavras	85
Queria Tanto um Mundo Mais Feliz!	86
A Luz e a Vida em 2015?!	87
Posfácio de Henrique Madeira	89
Síntese Biobibliográfica do Autor	91

PREFÁCIO

O Colega nas lides acadêmicas, o Companheiro em Rotary, o Amigo convidou-me a deixar aqui, sucintamente, a minha visão sobre este seu livro de poesia: *“Cantinho Itinerante do Escritor: Espontaneidade na Poesia e no Verso Branco”*.

Privilégio meu, grande honra a minha ler em primeira mão a poesia deste Homem, deste ser Humano de excepção que, no seu trabalho como Professor Catedrático e Investigador, tem produzido dezenas de livros, centenas de artigos científicos que expressam a sua dedicação à ciência e à vida e constituem, a par com a organização de múltiplos eventos e o exercício de funções de alta responsabilidade, um contributo notável para a construção de um futuro melhor para o País e o Mundo.

A leitura atenta destes poemas que com espontaneidade escreveu deixam-nos a sensação, o sabor inenarrável da água pura que bebemos da fonte perdida algures na serra, a meio da escalada de escarpada montanha.

A leitura destes poemas é como o juntar de pedacinhos da memória duma pessoa, pedras de um puzzle que chamamos vida. E que vida!...

Evocando o pensamento magnífico do grande Papa Francisco, constato que o Augusto Deodato vê com o coração. E o Papa Francisco escreveu que essa é a maneira de ver. Ver com o coração é a maior carência desta sociedade. A vida e a obra deste Homem, do poeta que quer partilhar connosco aqui e agora um pouco de si, merece a nossa gratidão, o nosso muito obrigado.

A poesia nasceu com o Homem e tem-no acompanhado ao longo dos tempos até hoje e, certamente, com ele irá até ao fim. O momento da criação, qualquer que seja a representação que dele tenhamos nas várias descrições religiosas, é uma expressão poética de Deus. E na sua evolução, na sua caminhada de séculos pela espiral do conhecimento sempre a poesia foi porta-voz das suas alegrias e tristezas, dos seus amores e desamores, das suas conquistas e derrotas, dos seus desesperos e das suas esperanças.

As artes poéticas desde a antiguidade até à nossa era pós-industrial, pós-moderna, têm constituído o cimento que une as demais formas de expressão artística como gritos da alma humana, desde a pintura à escultura, da dança à música como formas universais de comunicação.

A sua poesia é a brisa calma do fim duma tarde de Verão, o cantar das águas dum riacho, o trovão depois do relâmpago, o silêncio no meio do bulício, o choro na solidão ou, parafraseando Eça de Queirós, “o manto diáfano da fantasia por cima da nudez fria da verdade”.

NOTA PRÉVIA

«Há cores no pensamento impossíveis de definir no léxico verbal, mas que se sentem sem palavras, inexplicavelmente fantásticas no léxico da mente, fantasticamente belas e arrebatadoras para paraísos de sonho e de imaginação sem medida! São as cores, infinitas e persistentes, doces e acres e que exalam perfumes estelares que se espumam no azul do céu a deslizar sorrisos no sol a beijar o mar... São as cores das emoções adormecidas e acordadas, vivas e latentes, ausentes e remanescentes num vaivém de tantas memórias... São as cores das memórias que passam, que ficam, que integram e consolidam os futuros. São as cores impossíveis de dizer e de definir... as cores indelévels do sensível, das brumas das memórias e dos tempos!»

(Augusto Deodato Guerreiro, Saint-Prix, França: 17 de Julho de 2009).

O *Cantinho Itinerante do Escritor* ganhou sentido durante um alegre, farto e bem regado almoço de três Amigos que escrevem, o Augusto Deodato Guerreiro, o Gabriel Raimundo (jornalista e escritor, romancista e poeta, cronista... de uma grandeza humana encantadora e um resistente político que nunca se vergou à imposição de certos ideais do Estado Novo, mas que já não temos a felicidade de o ter fisicamente connosco...) e o Henrique Madeira (escritor, poeta, dramaturgo...) no Restaurante “**Dona Ema**”, em Lisboa, no dia dois de Dezembro de 2013. Numa algazarra a três que enchia o Restaurante, “circulavam”, num vivo e afectuoso diálogo, poetas, dramaturgos, cronistas, jornalistas, romancistas, escritores de literatura infantil e infanto-juvenil, pensadores, ensaístas, cientistas sociais...

O Deodato propôs a designação Cantinho Itinerante do Escritor, cuja latência enunciativa já vinha a ganhar forma e substância no seu espírito, a qual, neste almoço, acabara por emergir em definitivo, na expressiva espontaneidade que os três iam traçando e colocando na poesia e em verso branco, na esperança de que o seu contributo pudesse vir a ser útil no nosso belo país e, se possível, também além-fronteiras, semeando e cultivando, colhendo e partilhando literatura, cultura... nas populações e lugares mais carenciados, recônditos... Lirismo circunstancial para alguns... mas que pode muito bem consumir-se desde que as sinergias certas confluem nesse propósito e concretização.

Até se elaborou uma Acta do Encontro... com a aprovação unânime da designação proposta e respectiva caminhada a prosseguir, estendendo a ideia a outros escritores que se sintam atraídos por ela, procurando constituir, aos poucos, uma família amante e lavradeira de letras e de cultura cada vez mais alargada e frutífera. Também André Gide “apareceu” nesta viva conversa... «As coisas mais belas são ditadas pela loucura e escritas

pela razão.» (relembrou, numa voz bem timbrada e associando-lhe um enérgico chim-chim). De repente, já numa euforia acesa e balsamizada de poesia e dos efeitos do néctar dionisíaco, contagiante em bem-estar emocional e no fazer acontecer... o Deodato quebrou este contexto de aparente anarquia (em que as tomadas da palavra se atropelavam), soltando um improvisado soneto...

Cantinho itinerante do escritor
Que fala, pinta e escreve a noite e o dia,
Que chora e ri na voz a nostalgia,
Sorrindo na saudade vida e cor.

Que canta sol e mar, gáudios e dor,
Que faz e veste aos sonhos poesia,
Que lavra más fortunas de alegria,
Que geme na palavra e faz amor...

Lugar que acorda a vida a conviver,
Cantinho que nos leva p'ra onde for,
Glosando a luta e formas de vencer.

Cantinho do poeta e do escritor,
Cantinho que nos faz sonhar e ser,
Cantinho itinerante do escritor.

Dito assim este soneto, como que se reforçou o sentido e a amplitude da ideia, para registar na Acta, com a assinatura de todos, mas que nunca chegou a ser assinada por nenhum dos três. Paradoxalmente, esta entusiástica e súbita sobreposição poética amenizou a vozearia dos comensais no restaurante, em que os três já se iam entendendo, sim, mas desde que fossem elevando cada vez mais a voz. O sequente agrado dos três, visivelmente expresso nas suas manifestações lexicais e de semblante, como que se traduzira numa natural persuasão pedagógica, baixando o tom interlocutivo e repondo a serenidade vocal desejável na sala. Parece que a poesia brada silêncios, suaviza ambientes e fomenta harmonias emocionais... pondo-nos numa circunstância e expectativa semelhante à de quem ouve cantar o fado.

Os três sentíamos, e discutíamos-lo, que a poesia *é sensibilidade e eloquência, elegância, mordacidade e contumacidade, sagacidade intelectual para sugerir, provocar, impressionar, extasiar... É a arte de interpretar o sentir e o pensar, ou de escrever e dizer o que se sente e pensa, finge ou imagina, numa dimensão intercompreensiva e materializável num doce, agridoce ou*

cruel contexto filosófico e imaginário que sublimemente se concebe ou deseja alcançar. Em suma, a poesia pode ser a arte de interpretar sentimentos e pensamentos, ou de escrever e dizer o que nos enche a alma e o coração, a loucura e a razão da quotidianidade circunstancial que cada um de nós é, que todos somos.

Os três sentíamos, e bem o sabíamos, que ler e escrever, escrever e ler, dominar e usar as diferentes literacias, são capacidades e competências em que emergem e se multiplicam novos e fecundos olhares, onde a singularidade e a descoberta são alavancas de incentivo irresistíveis. Assim, num olhar profundo que lançamos, necessária e inteligentemente questionante, sobre tudo o que nos rodeia e em que nos envolvemos, colhemos sempre a diversidade de opiniões construtivas e a universalidade de saberes e conhecimentos para a compreensão e intercompreensão das diferentes realidades que as circunstâncias nos fazem ser e ser com elas, aquelas com que somos obrigados a conviver e as que vêm ter connosco ou que até nos surpreendem, fustigando-nos sem a nossa permissão... É nesses olhares que nos educamos e formamos, são esses olhares que nos fazem ser e transmitir o que somos, que nos fazem partilhar e ensinar o que somos.

Os três sentíamos... e achámos bem que deveria ser publicado, de imediato, um livro de poesia do Deodato, mantendo o acordo ortográfico anterior, com o título proposto e aprovado por todos, ou seja este que, com imensa e grata satisfação, só agora passa a ser partilhado com o estimado leitor.

Escrevemos no dia oito de Fevereiro de 2007 que *«as memórias felizes fortalecem os elãs da afectividade, da vida e a proficuidade dos tempos...»*. Acrescentamos agora que *as memórias tristes e contristantes também nos removem o conforto e o imaginário, conduzindo-nos aos caminhos da descoberta e invenção de novas e ajustadas soluções para nos tornarmos capazes de continuar a ser felizes e de fazermos igualmente os outros mais felizes à nossa volta (acatando a lógica irreversível da vida com que somos surpreendidos e sem alternativas...), humanizando assim mais a vida e o mundo*. A vida tem de ser pensada... imaginada e concebida, sentida e vivida todos os dias com perspectiva, visando a dignidade e a felicidade humana.

Vamos ler e partilhar este livro, que ficou mais rico, *ilustrado* com a Beleza da Arte e a Amizade do Pintor de renome além-fronteiras, Engenheiro António Saiote (Amigão e Companheiro de iniciativas intelectuais, alvaladense como eu), *prefaciado* com o irresistível fôlego humano, vivificante e responsabilizante do Cientista Social Professor Catedrático Doutor António Mendes, o Amigo, Companheiro em Rotary e na vida académica, *posfaciado* com a originalidade poética do igualmente Amigo e Companheiro de letras, o escritor, poeta e dramaturgo Henrique Madeira, *revisto* com a ternura e o carinho inexcedíveis da Maria de Lurdes

Guerreiro e *materializado* com o *design*, impressão e acabamento da proficiente e dedicada Serisexpresso, Ld^a.

Vamos ler e partilhar este *Cantinho Itinerante do Escritor*, que tão depressa pode estar em Lisboa, como num sítio algures em Portugal *de lés-a-lés...* no Alentejo, no Minho, em Trás-os-Montes e Alto Douro, nas Beiras, no Algarve, na Estremadura... *viajando*, de asas e coração bem abertos, nas palavras e nos gestos, nas imagens e nos símbolos, nas cores e nos aromas, nas tertúlias e na dignidade, nas letras, na prosa e na poesia, *teia sociocognitiva e sociocomunicacional esta* que também nos ajuda a descobrir, a recuperar e a construir caminhos úberes e promissores, vivências, convivências, porvir... *teia* que nos eleva num voar reflexivo, redimensionante e fertilizante do passado, do presente, dos futuros... *teia* que constitui a *seiva* latente, revolucionarizante e gritante de memórias de todos os tempos e circunstâncias, da Vida mental e espiritual, educacional e da humanização!

O Autor

CANTINHO ITINERANTE DO ESCRITOR
- Espontaneidade na Poesia e no Verso Branco -

Augusto Deodato Guerreiro

Almada, Junho 2016

A Vida na Ponta dos Dedos...

Achando nos céus da aporia,
cavando nas brumas enlevos
nas fontes que o corpo vigia:
Acúleos que forçam degelos.
Procuro na tactologia
caminhos que são mil segredos,
ciência que traz alforria
aos mundos de iníquos degredos,
à Vida na ponta dos dedos!

(Feijó: 9 de Junho de 2002).

Perdem-se-me Coisas no Tempo...

Perdem-se-me as coisas no tempo
Como as ideias no espaço,
Como alguns planos que faço
Em nuvens feitas de vento.

Perdem-se-me as coisas no tempo
Como um perfume palhaço
A remexer embaraço
Num ar de gáudio consenso.

Perdem-se-me as coisas no tempo
Como em convés de mar falso,
Como em sarilhos que grafo
Telas que fazem sustento.

Perdem-se-me as coisas no tempo,
Perdem-se-me planos que faço,
Perdem-se-me ideias no espaço,
Perdem-se-me sonhos no tempo.

(Hotel Montechoro, Algarve: 15 de Agosto de 2003).

Semeando Chaves...

Vou mais chaves semear
Para mais portas abrir,
Para mais mundos achar
E contigo descobrir
Mais caminhos a sorrir.

(Viagem de Feijó a Atalaias de Estêvão Vaz: 31 de Dezembro de 2004).

Pondo na Vida Canção...

Ponho na vida canção,
Cantando em todos os frisos
Saudades no coração
Como memórias em guizos.

Lágrimas fecho na mão
Como nos lábios sorrisos,
Arrecadando emoção,
Alimentando juízos...

Consolidando a razão
Para acordar indecisos
E cultivar a missão
Para entender prejuízos.

Ponho na vida canção,
Cantando em todos os frisos
Saudades no coração
Como memórias em guizos.

(Viagem de Feijó a Atalaias de Estêvão Vaz: 31 de Dezembro de 2004).

Passos do Tempo...

Passos sucessivos que jamais se dissipam, sem fim...
Um passo firme em cada segundo, sempre certo,
sem nenhuma oscilação sequencial.
Os passos do tempo,
do tempo que se perde, absolutamente irrecuperável,
como o vento que invisivelmente se manifesta e passa...
O tempo que tudo percorre e transporta,
que tudo floresce, ameniza e esquece,
numa cadência e monotonia rítmica permanente e imparável.
O passo perpétuo do tempo que passa sem retorno.
O tempo dos tempos,
o tempo referencial e incontrolável do universo,
o relógio inobediente e implacável da vida,
o relógio a que tudo se subordina sem alternativa,
a guerra de ninguém que nunca a natureza vencerá,
o fenómeno dos fenómenos dos insondáveis mistérios
que nos reduzem ao mais ínfimo dos nada.
A incontornável viagem eterna do tempo...
Os passos do tempo imperturbáveis
perante a impotência que perpassa quem vai ficando.
Os passos do tempo.
Os passos infintos
do tempo infinito e inexpugnável!

(Lisboa: 28 de Janeiro de 2005).

Em Alte

Já me acetina a voz o tempo
Bailando o sol em corridinho,
Azulejando a cor cá dentro
O céu no rio de mansinho...

Surpreendente de consenso,
Serpenteante e cristalino,
Beijando as fontes em sustento
Que cantam Alte como ninho.

Já concertinam sons ao vento
Mais os ferrinhos como sino
Na doce aldeia a que pertença
Guardando sonhos de oiro fino.

(Alte: 19 de Março de 2005).

Origens do Meu Voo: As Saudades que Respiro

Venho aqui de quando em vez
P'ra saudades respirar
E silêncios acordar
Do passado que me fez

Nesta Terra tão cortês
Com palavras a sonhar
Nos meus sonhos a falar
Sobre esferas de avidez.

Venho aqui p'ra me embalar
Nas origens do meu voo,
P'ra crescer e triunfar,

Poetando o que ressoo
Num solene resgatar
Do sentir e pó que sou.

(Alvalade: 24 de Abril de 2005)

Serenata a Alvalade

As imagens que te canto
São papoilas e açucenas,
São sonatas e poemas,
Epopeias deste campo.

Em “Lusíadas” te canto
Noutro verso e noutros temas
Nestas quadras e tercenas
Novos pélagos de branco.

Quem me dera ser Camões
Para te vestir um manto
Colorido de paixões

E glosar nesse remanso
As mais belas emoções
Em batéis loucos de encanto.

(Alvalade: 7 de Maio de 2005)

Padrão

Se não fosses Alvalade
Não te abria o coração,
Nem sequer a minha mão
Te escrevia esta verdade.

Vou pedir à liberdade
Para te sagrar Padrão
De magia e de razão
Do Alentejo e da vontade.

Os partidos no teu seio
Brandem todos lealdade,
Aguarelas do teu meio.

É por isso que me enleio
No perfume da amizade
E na paz do teu recheio.

(Feijó: 8 de Maio de 2005)

Nas Planícies do Meu Azul

Numa garbosidade de cavalo
Rincho as sombras que tenho em turbulência
Na fortuna dos tempos em que venço...
Nas estrelas da mente em torvelinho,
Nas marés de planetas em abalo
Como em rios profundos de inocência...
Magnitude dos sons no doce ninho,
Em surpresas da vida em que me embalo,
Nas planícies do azul a que pertenço,
No sabor a perfumes cor do imenso!

(Feijó: 15 de Junho de 2005)

O Teu Dia que te Canto

As palavras que te canto
São das mais adamantinas,
E que pintam doces telas
Em ternuras das mais belas
A sorrir este remanso
Com fragrâncias matutinas
A voar nas aguarelas
E poemas que te lanço.
Eis os beijos que em ti planto
Aureolados de boninas
Num requinte à luz de velas
A brindar às Primaveras
Que no Teu Dia te canto
Pelos vales e colinas
Neste amor que move estrelas
E nos une tanto, tanto!

(Feijó: 20 de Junho de 2005)

Santiago Meu Concelho!

Caminhando nuns grafemas,
A esculpir no mar que tem
Sementeiras de fonemas
A cavar saber além,
Aos confins de tactilemas...
Já começo a ser refém
De atitudes e gostemas
No Alentejo que me tem
No nascer e nos queremas
Do que sinto e quero bem.
Alentejo que me lembrás,
Alvalade e mais alguém,
O Concelho dos meus temas
E refúgio de quem vem
Redimir-se de dilemas:
Obrigado a ti também,
Santiago do Cacém!

(Santiago do Cacém: 22 de Junho de 2005)

Num Ápice...

Sempre que a Alvalade venho
Recupero mais saber,
Sinergias e prazer,
Mais vontade e mais empenho.

Só no meu berço é que tenho
Mais-valias a render
No lembrar e conhecer
Com mais arte e mais engenho.

Há esperança e poesia,
Primaveras a beber
Nas planícies em folia.

Aqui há calor e ser,
Há surpresas e magia,
Alegrias e viver.

(Alvalade: 5 de Julho de 2005)

Convocatória ao Natal

O Natal que convocamos
Quer que ninguém tenha frio,
Quer que todos tenham pão,
Quer que a vida seja um rio
De verdade, de perdão
E de intercompreensão.

O Natal que convocamos
Serve a todos iguarias,
Reconforto em douda festa
Sem disfarces de altruísmos,
Serve amor e liberdade,
Alegria e emoção.

O Natal que convocamos
É Natal todos os dias
Celebrado ao som de orquestra
Sobrepondo aos egoísmos
A solidariedade
Na harmonia da razão.

O Natal que convocamos
Serve paz e sinfonias
Com perfumes de giesta
Em pinheiros de optimismos
A sorrir felicidade
E revitalização.

O Natal que convocamos
Quer que ninguém tenha frio,
Quer que todos tenham pão,
Quer que a vida seja um rio
De verdade, de perdão
E de intercompreensão!

(Feijó: 10 de Dezembro de 2005)

Em Quarteira...

Em Quarteira vista mar
Há mais vida e sempre farra,
Lua azul e verde absinto
Na varanda deste hotel,
Quinto andar do Dom José.
Num perfume a marulhar,
Guardo estrelas na alvorada,
Guardo sonhos meus sorrindo
Numa noiva que é de mel
Com licores e café.
Tenho o sol e tenho o mar,
Tenho a noite e a madrugada,
Tenho um horizonte infindo
Para andar no meu batel
A voar com a maré.

(Quarteira, Hotel D. José: 25 de Agosto de 2008)

Alvalade é um Sorriso

Alvalade é um sorriso
Que me quer e que me tem,
Que me faz feliz também
A sorrir no seu sorriso.

Tens o som do paraíso,
Tens a paz e tens o bem
Nesse olhar que me retém
E me prende ao chão que piso.

Dás-me força amalgamada
De lembranças que aqui vivo
E da cor da caminhada.

Vou cantar o teu sorriso
Como um hino à Terra Amada,
Sorrir sempre o teu sorriso!

(Alvalade, Hotel Daroeira: 20 de Setembro de 2008)

À Sombra do Pensamento

O nada numa ilusão
que beija as trevas do vento,
migalhas que ainda acordam
à sombra do pensamento,
num aroma de paixão
e de alguns sonhos que sobram.

Penumbras num grito imenso,
cintilante e sem cariz,
ideias que ainda moram
às vezes por um momento
em lagos que já não são,
árvores de gelo intenso
já sem folhas nem raiz.

Sombras sorrindo silêncio
que escondem rostos de giz,
rostos que riem e choram,
que escrevem no olhar do tempo
a esperança e a emoção,
amor, prudência, consenso,
o que se diz e não diz.

O nada numa ilusão
que beija as trevas do vento,
migalhas que ainda acordam
à sombra do pensamento,
num aroma de paixão
e de alguns sonhos que sobram.

(Lisboa: 10 de Junho de 2009).

Por Lisboa...

Passeando por Lisboa,
pelos becos e Colinas,
pela cidade em canção,
pelas farturas e crises,
pelos bairros e tasquinhas,
por vielas e castelos,
de Marvila para Alfama,
por capelas e solares,
em primavera e verão,
desde a Ajuda ao Bairro Alto,
de Benfica à Madragoa.

Passeando por Lisboa,
comendo boas sardinhas
numa fatia de pão,
bebendo um tinto encorpado
com os Santos populares,
com cantigas e garinas
de manjerico na mão,
por quelhas e chafarizes
e tradições alfacinhas,
fazendo do fado a cama
e do Tejo uma canoa.

(Lisboa: 12 de Junho de 2009).

O (In)Dizivelmente/Sensível nas Poéticas da Vida...

Há cores no pensamento,
na lépida elegância relacional,
nas poéticas da vida,
cores impossíveis de definir no léxico verbal,
mas que, sem palavras, se sentem
inexplicavelmente fantásticas no léxico da mente,
fantasticamente belas e arrebatadoras em paraísos...
em paraísos de sonho
e de imaginação sem medida!

São as cores, infinitas e persistentes, doces e acres
e que exalam perfumes estelares
que se espumam no azul do céu
a deslizar sorrisos no sol a beijar o mar...
São as cores das emoções adormecidas e acordadas,
vivas e latentes, ausentes e remanescentes
num vaivém de tantas memórias.

São as cores do deslumbrante enlace molhado,
deixando imaginar uma espécie de luxúria iminente
numa viscosidade de prazer indizível,
das gotas de chuva que penetram e se alastram
nas folhas das árvores, das plantas,
revigorando-lhes a cor
num deleite suave e impetuoso
balouçado por um vento ameno, fresco, idílico...

São as cores do broá da alta velocidade de um comboio elétrico
que num ápice surge e se perde no horizonte,
que leva e consegue o incógnito...
São as cores dos caminhos para a sabedoria,
no calar e escutar,
no recordar, estudar e fazer...
São as cores das memórias que passam, que ficam,
que nos envolvem, desenham e nos segredam futuros.

São as cores que as palavras não exprimem nem definem...
São as cores indeléveis do sensível e da língua sem palavras,
em que a lógica e o social
nos signos e códigos da significação
interagem, se acomodam ou revivem lembranças
numa imensa constelação de artefactos e actos
de correlações e construções significantes,
de sistemas em que os signos se organizam
e determinam o seu relacionamento.

São as cores das ideias, de todas as dimensões verbais e não-verbais,
das escritas, linguagens, ritos simbólicos,
das cortesias, continências e sinaléticas,
da mais fecunda simbólica sýgnica e intracomunicacional.

São as cores anónimas
das oratórias e escutatóricas,
da expressividade e representatividade,
dos ritmos e consequências,
de cenas, eventualidades temperamentais, confusãoância...

de sombras coloridas falantes
a morder vagidos nos cantos,
a gemer suspiros calados,
a exultar contextos e circunstâncias
na exuberância e preguiça nos campos...

São as cores dos sons e os sons das cores,
de silêncios a bramir socorro,
de incertezas a reclamar refúgio,
das irresistíveis magias dos silêncios,
das galvanizantes magias dos sentires sem palavras,
das brumas das memórias
e dos tempos!

Há cores no pensamento,
na lépida elegância relacional,
nas poéticas da vida,
cores impossíveis de definir no léxico verbal,
mas que, sem palavras, se sentem
inexplicavelmente fantásticas no léxico da mente,
fantasticamente belas e arrebatadoras em paraísos...
em paraísos de sonho
e de imaginação sem medida!

(Saint-Prix, França: 17 de Julho de 2009).

Na “Pérola” de São Simão de Litém!

Há aguarelas da natureza tão solenemente humanizadas,
primorosas obras de arte,
onde as palavras se inibem de falar e nem parecem ter lugar...
São lugares que nos falam, abraçam e prendem sem palavras.
Esta obra de arte, excelso oásis vestido de branco e azul,
que guarda pequenos vales e planícies,
árvores e paraísos interiores, que se contemplam,
e pensamento fecundo, que se impõe, repleto de sublime encanto
e cumplicidade na harmonia da diversidade,
que nos fascina e descansa,
onde se respira amor e sabedoria, saúde e desejo,
tranquilidade e esperança, convivialidade e paz!
É uma aguarela natural impregnada de arte paisagística
e de generosa sensibilidade onde as palavras não precisam de falar
nem parecem efetivamente ter lugar.
Aqui, extasiados, maravilharmo-nos com a expressão
desta bela policromia aninhada e imponente
na vertente superior de uma discreta colina
banhada pelo sol e bafejada pelos nevoeiros sazonais,
albergando já peculiares segredos de flora, fauna e pecuária...
Paisagem de abundantes repastos
adubados pelos melhores dionisiacos néctares,
de fontes de inspiração, de caminhos e pontes,
de essências e sabores, de perfumes e cores,
de chilreares e esvoaçares de ave,
de trabalho feliz e lúdico lazer,
de sons aprazíveis dos silêncios
e das delícias dos sons da vida,

do singular produto da faculdade de criar novas representações
e novas combinações de imagens,
aguarela do bem-estar que nos sorri
e infunde qualidade de vida.

Um excelso oásis vestido de branco e azul;
uma aguarela; uma obra de arte; uma paisagem; aquele lugar
que nos fala, abraça e prende, sem palavras;
um sonho, entre outros, aqui reflectido e arquitectado
pelo meu mano mais novo,
sonho que exprime e floresce
um pedagógico e galvanizante elixir da vida,
qual uma estrela/mina inexaurível de valores
e jardim de fértil e profícua imaginação criadora
que não pára de sonhar e de semear ideias,
de germinar e florir sonhos e concretizações!

(“Pérola” de São Simão de Litém: 23 de Agosto de 2009).

Flores para TiQuatro, Amor a Cinco!

Adoro esta feliz poligamia
Numa só que escolhi para viver
P'ra com ela ter mais e mais prazer
Numa em quatro a fruir ao mesmo tempo,
Num segredo fecundo que me fala.

É letífico amar nesta magia
O elixir de com quatro amor fazer
E nas quatro este sonho alvorecer
Um luar que nos brada um sol imenso
E nos canta baixinho em alvorada!

Há fascínio e surpresas noite e dia
De mãos dadas em busca do mais-ser
Com amoras doiradas... a chover...
Liberdade-verdade-paz-silêncio...
Num sopé que nos guinda em madrugada.

Há beleza, ternura e fantasia
A sorrir, sem rotinas, com saber,
A beijar primaveras a nascer,
Que estes cinco extasia no que acendo
Nesta linda pousada que nos guarda.

Viajando em vagidos de harmonia,
Em perfumes e sons a conviver
Numa em quatro a dormir e a amanhecer
Num excelso e tão belo sentimento:
Amante-Esposa-Noiva-Namorada.

(Proença-a-Nova, Pousada das Amoras: 3 de Janeiro de 2010).

À Papoila do Cimo do Casal

Só na carnalidade das palavras
Saboreio o perfume desse olhar,
O suor no carinho e no dançar,
Primaveras sublimes que em ti lavras.

Os aromas dos sonhos que me guardas,
Os prazeres que gozas a falar,
Os encantos que emites a gozar,
Sinergias dos beijos que me bradas.

A linguagem do corpo que me enlaça
Em paisagens revoltas como o mar,
Mar de sexo e beleza numa taça.

Eis a minha flor, bela e sem igual,
Que encheu com lindos dois botões a casa,
A Papoila do Cimo do Casal!

(Feijó: 20 de Junho de 2010).

À Sombra da Minha Árvore

Quão sublime em soneto é poetar
Esta vila que já não tem idade
E que é linda p'la sua urbanidade
Como encanto e fecundo ser e estar.

Ninho nosso aqui e em qualquer lugar,
Nos teus gestos que são fertilidade,
Nas palavras que são perenidade,
No partir, no voltar e no ficar.

Alvalade, que és árvore e esperança
Desta bela planície onde nasci,
Do teu povo e de toda a sua herança.

És fortuna que nos chamas aqui,
Aguarela de paz e confiança,
Como folhas e pássaros de ti.

(Alvalade: 14 de Agosto de 2010).

O Oportunismo que me Olha, Ataca e Enaltece...

Usando oportunismos infames para comigo...
Oportunismos com que me fustigam e atacam,
mas que até me enaltecem...
Só porque precisam de sobreviver
a qualquer preço, nem que seja cilindrando alguém
que os suporte como escada segura,
olhando-me e subindo...
Na alegria das páginas que escrevo,
quero ouverler a vida de gente fecunda,
quero ouverler a recordação de imensas somas humanas...
Porque não sei se me pesam as sombras,
ou se me escondem as surpresas...
No ouverler e inteligir memórias e razões,
no ouverler oportunismos e, se possível,
fruir também memórias dos tempos,
perpassando intempéries humanas
em oceanos e ventos.

(Feijó: 5 de Dezembro 2010).

Reflectindo em Sonetinho

A escrever no meu Mercedes...
A fumar no meu cachimbo
Pensamentos em que alindo
Sentimentos que estão verdes.

Penso as coisas tantas vezes
Em canções feitas de mimo,
Embalando o raciocínio
Nos finais de muitas teses.

Quantos sonhos que me abafam
E me inundam de saber,
Suprimindo os que me faltam.

E me alegram conhecer
Com certezas que me assaltam
Neste cais do alvorecer.

(Feijó: 27 de Março de 2011).

Ouvertocar o Sorrir do Silêncio...

Sussurra-me o silêncio...
Tantas vezes...!
Acorda em mim tantas circunstâncias
e tantos lugares...!
Quão expectante fico quando me fala...
E quando o posso ouvertocar...
Que fenómeno estranho,
o de ouvertocar o silêncio!
E quando o posso também ouversorrir...
Sim, porque também o ouço e vejo sorrir...
Como se alguns dos meus livros
eu estivesse a ouverler...
Surpreendem-me sombras,
sombras que não se definem,
mas que são tão significativas
e importantes para mim...
Gosto delas.
São sombras que me conhecem,
que me guardam,
que me enaltecem,
que me protegem.

São sombras férteis
que coabitam comigo
e me descansam
neste silêncio em que me repouso
e que me retempera e revifica,
no ouvertocar o sorrir do silêncio!

(Lisboa: 28 de Março de 2011).

Tumultos do Imaginário dos Silêncios...

Tumultos do indecifrável,
do aparentemente inefável,
do estranho, do confuso,
do não se sabe o quê,
do nada!

Como que intrépidas tempestades
mentais, afetivo-emocionais,
opulentas de insignificância
ou de redimensionada qualidade de vida,
que parecem viajar
em pressentimentos e emoções
inexistentes,
confusões desmedidas,
sem um único prefixo,
infixo ou sufixo sequer,
de uma razão qualquer...

Como que em sinuosas vias complexas
sem destino,
perdidas em arrabaldinos ermos
da consciência desesperada,
até à exaustão da capacidade de encontro
e da competência para tolerar
a própria paciência.

Até aos gritos reboantes
e insuportáveis do silêncio...
Do imaginário dos silêncios...

Até às sobras e sombras de carências,
até à invenção de outros lugares
promocionais da vida humana
e de outras valências evolutivas do bem,
de solenidades e prudências,
até cair e descansar
como que numa brévia
que mima e acalma,
inesperadamente reconfortante
e doce...

(Feijó: 29 de Abril de 2011).

Já na Idade de Ouro...

A “segunda adolescência”, que se diz acontecer
no dealbar da “idade de ouro”,
é nalguns casos idilicamente renovadora de relações
e entendimentos,
de inteligibilidade aprofundada e mais fecunda,
de determinação e certezas mais inquestionáveis,
de atuações e decisões mais acertadas e ajustadas
às diferentes realidades da máxima diversidade das coisas.
Aos 26 anos (trocando os algarismos na “idade de ouro”),
sem me dar conta, já me começo a questionar, por vezes,
em relação ao valor do empenho e sequentes resultados
das minhas apostas de vida na vida...
Será que me continuam a ser dadas forças para persistir na luta,
no sentido de não deixar ninguém dos meus entes queridos,
amigos e próximos abandonados?
As apostas que já consegui cumprir,
será que são suficientes para que me sinta confortado comigo,
com o mundo e sobretudo com os desígnios superiores insondáveis
que me protegem?
Já não me pergunto se quem, para além de mim,
usufrui dos resultados dessas apostas me entende
ou se entende esses efeitos como motores de promoção humana
e respetiva humanização, de felicidade,
mas muito me agradaria e tranquilizaria saber do bem-estar
que fica com a minha partida...

Eu gostaria tanto, quando essa inevitabilidade se der,
que todos ficassem bem, e que eu partisse bem comigo,
com deveres dignos edificados, consumados!

(Feijó: 30 de Julho de 2011).

Relembrando a “Pérola de São Simão de Litém”

Pérola feita de luta,
Que sorri paz e conduta,
Um paraíso que vem,
Forte e feliz para o bem,
Pôr os meus olhos à escuta,
E os meus ouvidos em fuga
P’ra descobrir neste bem
Tanta beleza que tem.
Livros, manjares e fruta,
Com chá, café, kamasutra...
Sonhos que a vida contém
Em São Simão de Litém.

(Vilamoura: 19 de Agosto de 2011).

Ao Moinho de Vento

Que encanto e beleza,
Que prazer imenso
De em ti natureza
Em cada momento
Festejar o tempo!

Que encanto e beleza
Que sinto e que penso,
Pintando em nobreza
Quintilhas que invento
No meu pensamento.

Que encanto e beleza,
Com vinho e consenso,
Comida na mesa
E contentamento
Neste farto templo.

Que encanto e beleza
E que belo exemplo
De vida e riqueza
Em que te contemplo,
Moinho de Vento!

Que encanto e beleza
E que sentimento
Fruir a grandeza
Desse encantamento:
Moinho de Vento!

(Atalaia de Estêvão Vaz, Moinho de Vento: 27 de Agosto de 2011)

Palavras que Pingam...

Palavras que pingam...
Que pingam valores,
prudência e soluções...
Palavras que se adensam
na espontaneidade,
nos devaneios e certezas,
nas loucuras sensoriais,
sociocognitivas...
Nas lógicas relacionais,
nas paixões da razão,
nas competências sociais,
como chuva que se instala
de mansinho e determinante,
regando sinergias humanas,
torrencial e fecunda.
As palavras que nos unem e separam,
que nos imergem na harmonia,
num rio profundo,
que nos lavam a alma
de ponderação e vida...

As palavras que somos,
os sorrisos que somos,
a chuva de memórias
e saudade que somos,
a saudade que nos banha...
As palavras que nos molham
de lembranças imutáveis,
imaterializáveis e imortais...
A chuva de palavras que somos,
revitalizando-nos
e eticizando o mundo.

(Feijó: 8 de Outubro de 2011).

No Silêncio que Às Vezes Sou ...

Vêm ter comigo sombras
com enigmas e códigos,
A deslizar em florestas
num mar de acervos e prados,
a desenhar aguarelas
com recitais e canções,
a granjear novas ondas,
a sorrir mágoas e selvas
em montanhas e paixões
com orquestras e emoções,
com paisagens em festas e ilusões.
Vêm ter comigo inigmas e sonhos,
segredos e objectivos,
estratégias e combates,
as sombras e os enigmas,
os caminhos para descobrir,
as sombras, os enigmas e os códigos,
códigos, enigmas e sombras
que por vezes me envolvem
e me adormecem nos silêncios
que hermetizo no meu silêncio,
no silêncio que às vezes sou.

(Viagem de automóvel Lisboa-Algarve: 27 de Dezembro de 2011).

“Vinho do Cunhado”

Mas que espírito e sabor
Este vinho tem guardado,
Que nos dá saúde e cor
Com um ar iluminado...
Bebo vinho em tanto lado,
Não bebi nenhum melhor
Que este “vinho do cunhado”,
Que nos dá tão bom humor!

Este vinho revigora,
Põe bem longe todo o mal,
Faz ruir tudo o que ofende,
Põe feliz um mar de gente!
E que sonhos ele acorda!
Que riqueza lexical
Nos diálogos acende!

Viva o “vinho do cunhado”,
Neste Moinho de Vento,
Saboroso e perfumado,
Tão suave e succulento,
De memórias encorpado,
Que nos faz viver mais tempo!
Viva o “vinho do cunhado”!

Moinho de Vento: (23 de Maio de 2012).

Parabéns, Papoila Linda!

Para ti, doce talismã,
estas palavras que o coração dita
e que voam em estrelas de Parabéns...
Vão beijar as tuas esplendorosas primaveras...
És o brilho e a força
do sorriso da essência
e a dinâmica
das nossas concretizações,
o elixir dos sonhos e prazeres,
a Papoila que me floresce as loucuras e a razão,
a paixão, a lucidez, o amor, a vida.

(Feijó: 20 de Junho de 2012).

A Saudade é Portuguesa

Sempre o tempo tem acesa
A vela que leva a dor
E a saudade traz à mesa,
Como o vento atirador
Traz à vida história e cor.

(Feijó: 3 de Outubro de 2012).

Saudade

A saudade é portuguesa,
Sentimento inovador
Numa ausência que nos pesa
Na memória do que for.

Mas que às vezes em nós pega,
Nos conforta e dá calor,
Suaviza na beleza
Doutro olhar com mais valor.

Nostalgia que nos reza
Dos passados o sabor
Da alegria e da tristeza,
Apurando em nós rigor.

Só no tempo é que há pureza,
Mesmo agreste ou sedutor,
Segredando-nos clareza
Num vaivém que é sabedor.

Tem o tempo a vela acesa
P'ra levar embora a dor
E trazer saudade à mesa
Com lembrança, história e cor.

(Feijó: 3 de Outubro de 2012).

De Súbito...

Sonho serras cor do mar,
Cavo mares e abro ruas,
Piso sombras feitas de ar,
Guardo estrelas em faluas
Como o sol nas minhas luas.

(Pastelaria Dourado, Lisboa: 5 de Fevereiro de 2013).

Já Partiram... Mas Sempre Permanecem...

Nesta madrugada de 10 de Setembro de 2013,
neste Freixo Verde que me abraça e que abraço,
relembrando o meu saudoso pai
(ente eternamente querido e amado que já partiu),
relembrando familiares e companheiros amigos
que também já cá não estão,
relembrando vizinhos sensatos e bons
que também já passaram para o universo espiritual
a que ainda não temos total acesso,
relembrando amigos inesquecíveis que já nos deixaram
e outros que o tempo vai separando e reaproximando,
afastando e juntando...
Viajando numa saudade ínvia e agradável
que evoca a nostalgia...
A saudade, que pode ser uma obsessão
(convocando a nostalgia) estranha e necessária
(parece que só confinável a um único povo
de um minúsculo e singular rectângulo
irregular geográfico do mundo),
que nos dá a mão e a que damos a mão
numa cumplicidade igualmente estranha,
que nos pode vestir a alma, a multissensorialidade,
as atitudes, acções e decisões,
como um sentimento sublime e digno de um imensurável
respeito que é.

A saudade convive connosco, convivemos com ela,
em toda a aceção da sua origem,
sendo às vezes apenas suavizável pelo tempo que passa
na ausência das coisas e nas vicissitudes da mundividência
por que também vamos passando...

A saudade da saudade...

Ou a saudade que pode passar a conviver connosco
num silêncio que o tempo vai tornando cada vez mais de oiro
e sob custódia do nosso coração, cuja chave a mesma saudade guarda
e secretiza num lugar das memórias absolutamente inviolável
e... até já insondável por vezes.

A saudade é um sentimento identitário congénito
que caracteriza portugueses e que dói...
que mortifica e que nos pode reduzir o corpo físico a pó...
Mas que, paradoxalmente, também nos pode revivificar...
alegrar...

despertar consciências e activar comportamentos,
infirmar ou confirmar, definir ou redefinir caminhos...
e que ainda pode abrir o sorriso e a força indómita de viver
e de promover a vida,
como que para saldar uma dívida ou como uma opção
consciente, inteligente e feliz
para ajudar a dignificar cada vez mais o fecundo legado divino
(a Vida!) que nos foi confiado para viver em verdade e liberdade,
gerir e cultivar, consolidar e transmitir,
multiplicar e partilhar.

(Freixo Verde, Benafim, Loulé: 10 de Setembro de 2013).

Nasce Aqui o “Cantinho Itinerante do Escritor”

Cantinho itinerante do escritor,
Cantinho que encontrámos p’ra falar,
Cantinho que abraçamos p’ra pensar,
Cantinho que levamos p’ra onde for.

Cantinho do poeta e do escritor,
Também do dramaturgo a semear
Nascentes de palavras, sol e mar,
Caminhos do saber, romance e cor.

Cantinho do escritor itinerante
Que irrompe em primaveras e folia,
Que voa em cada verso o som do instante,

Luares que sorriem noite e dia,
Sonhando amanheceres do incessante,
Glosando este cantinho em poesia.

(Lisboa, Restaurante Dona Ema: 2 de Dezembro de 2013).

O Meu BeijoAbraço de Parabéns!

Todos os dias, ao acordar, temos de saudar a vida e a nós mesmos,
num bom dia, Vida!

Sentindo-nos de Parabéns por viver felizes todos os dias
sem descanso,

motivando e promovendo serenidade e êxitos,
harmonia e tranquilidade,

justiça e alegria, solidariedade e partilha,
amor, fertilidade e esperança!

E hoje é o Teu Dia, mais um Dia lindo a somar aos outros,
em que a cultura do Beijo e do Abraço nos soergue docemente
nas asas da imaginação

e do imaginário que nos mergulham no excelso esplendor
da união sublime e indissociável,

profundamente terna e gratificante,

que nos deleita o biofísico e o psíquico, o espírito e a mente,
consumando a emergente intercompreensão e bem-estar

que nos abraça e nos faz entrelaçar de corpo e alma
no perfume e na cor da vida

que nos implica um no outro,

fundindo-nos na magia de uma sempre bela,

recíproca e fecunda manifestação do mútuo e invicto desejo,

que só a maravilha humana e do amor sabe ditar e galardoar!

Parabéns, primavera das primaveras,

que me enleva e nos floresce o coração e a razão,

guindando-nos nos dois ramos que gerámos!

Parabéns, doce fortuna, que nos eterniza a relação
como o mar com a areia e as marés com os luas
da poesia e dos promissores sonhos!
Parabéns, talismã singular,
que nos liga como a árvore com a chuva e o viço das primaveras
com a beleza policromática dos campos e da esperança!
O meu BeijoAbraço de Parabéns!

(Feijó: 20 de Junho de 2014).

Viver é Sorrir Sempre à Vida

Viver é sorrir
Ao vento que passa,
Voar numa taça
A cor do fruir.

Viver é marchar
No tempo a fugir,
Sonhar a cair,
Subir a sonhar.

Viver é partir,
É rir e chorar,
É saber voltar
E não desistir...

Tornar a partir
Sem nunca parar...
E participar
Na vida a sorrir!

(Feijó: 9 de Julho de 2014).

Arco-Íris da Alma...

Esse arco-íris da alma, as lágrimas!
Também as tenho em abundância.
E tantas vezes incontrolláveis e invisíveis...
Lágrimas minhas?
Não se veem...
Mas correm copiosamente cá dentro!
E quando me deixam só com elas,
Dou-lhes a necessária soltura
Para que jorrem e gritem
Em silêncio,
Retemperando-me e revitalizando-me
No perfume da essência das palavras
Que os pensamentos e os silêncios
Ditam mas não escrevem.
Que o léxico do maravilhoso sente e guarda,
Mas que a dignidade
Reboa nos brejos e nos planaltos,
Na respiração e no pulsar do universo...
Na cortesia e manifestação de afectos
Como na universalidade dos sentires!

(Feijó: 26 de Julho de 2014).

30 Anos Depois, Reflectindo em Grata Satisfação, Parabéns aos Quatro!

No tempo que deitei fora
Estiveste sempre aqui,
Ficaste e não foste embora,
Sendo o talismã que em mim
Me fez mais feliz assim.

No tempo que não me sobra
Ganho tempo para ti,
Porque és força, porque és obra,
Poesia para mim,
Livro que nunca tem fim.

O tempo que tenho agora
Guarda aquele que perdi
Com aquele que não sobra,
Com o que já nos sorri,
Para ti e para mim.

O tempo que é nosso agora
Já passeia no jardim,
Mas também já não nos sobra
No que tenho para ti
E no que tens para mim.

Somos quatro em boa hora
Com dois lindos cravos, sim,
Que nasceram sem demora
No nosso belo jardim
Feito de um Amor sem fim!

(Viagem Algarve-Lisboa: 18 de Agosto de 2014).

Voz dos Tempos...

Semeio por aqui e ali pensamentos,
Também alguns segredos e poemas,
Searas de prazer num mar de agendas,
Florestas de palavras e argumentos.

Semeio com perfume e cor sustentos,
Bandeiras de esperança nas contendadas;
Acordo sonos e quimeras... lendas...
Semeio por aí paz e consensos...

E deixo por aí pés de eloquência,
Às vezes em ideias e em eventos,
Alguma fantasia... e inocência...

Mas luto e vou vencendo agrestes ventos,
Cavando descobertas e prudência,
Com sonhos a sorrir na voz dos tempos!

(Feijó: 28 de Janeiro de 2015).

Regando a Realidade...

Sorrir poemas feitos de prazer
É como escavar sonhos e liberdades,
Empatias e luars,
Amor e viver...
É como regar a realidade
E glosar o esplendor da palavra
Com o perfume da semântica,
Da morfologia e da sintaxe,
Da pragmática...
Com laudas da sensibilidade.

(Cova do Vapor: 14 de Fevereiro de 2015).

Na Noite que não Dorme

Cingindo o tempo e o devir
Num luar já talismã,
Num mar revolto a florir
Um sabor cor de romã...
Noite que não quer dormir,
Alaranjando a manhã
E o sol doirado a sorrir.

(Feijó: 10 de Março de 2015).

A Força da Força...

Luto pelos meus filhos e mulher,
Luto por eles e por mim também,
Mas as forças não são como se quer,
Faltam-me quando as coisas não estão bem,
Quando a força já pouca força tem.

(Feijó: 24 de Março de 2015).

Parabéns, Bela Papoila!

A sedução e a ternura
com que as tuas primaveras,
viçosas e deslumbrantes,
nos perfumam
são janelas da inteligência
que se abrem e nos abraçam,
que nos beijam
com ventos provocantes e doces,
com redimensionantes elixires,
iluminando as escadas
das estrelas que nos guiam
e nos guindam na vida.
As tuas primaveras
são paisagens sociocognitivas,
oceanos de inovação e coerência,
policromáticos mares
de generosidade e gratidão,
de criatividade e rigor,
de carinho e saber,
de solidariedade e partilha,
de envolvimento e magia,
de amor e poesia.

(Viagem Lisboa-Atalaias: 20 de Junho de 2015).

No Pélago da Palavra...

No pélago da palavra
É que descubro o sublime
E burilo o pensamento
A escavar vocabulário
Para chegar mais além
No sorriso e na alegria
Em busca de mais glossário.

E tomo lugar no vento
Com sonhos que assumem forma
Nas asas que me transportam
Nas safras de ignotas plagas...
Nas árvores da partilha
De universos a cantar,
De oceanos a voar...

Caminho no verso branco
A rolar no imaginário
Como nos rios sem foz
E num mundo sem fronteiras...
Com mais generosidade
E laudas de gratidão
Como fontes de abundância...

A brincar às sete sílabas,
Vou jogando neste verso
Sem o espartilho das rimas
O espontâneo de mim mesmo,
Solto como a própria chuva
E tão livre como as aves...
Como o sorrir da criança...

Sete conjuntos de linhas
Que são conjuntos de versos,
Sete versos, sete linhas,
Por cada grupo de versos...
São sete passos por verso,
São sete grupos de versos,
São quarenta e nove versos.

Poesia onde é que estás?!
Fala comigo um instante...
Não me deixes para trás,
Vê se ainda sou capaz
De me elevar na magia
Da tua filosofia
E pairar nesse incessante...

No pélago da palavra
É que viajo com tempo,
Com mais sol e mais luar,
Planetando o sentimento
Nas estrelas a nadar...
No pélago da palavra
É que a vida ganha voz!

(Feijó: 27 de Junho de 2015).

As Palavras que Mais Uso

Gosto tanto do sorrir
E também da poesia,
Gosto da prosa e magia,
Gosto do mar a bramir...

Gosto de sonhar a rir
E de gritar nostalgia,
Gosto da filosofia
Do viver e do fruir...

São palavras que não deixo
Fora desta ergonomia
Em que me guardo e me fecho.

A gozar na maresia
Ganho o mundo num só beijo,
Prazer monstro e fantasia.

(Feijó: 27 de Junho de 2015).

Escrevendo ao Vento

Afortunando o que escrevo,
Semeio numa açucena
E numa folha de trevo...
Numa gerbera vermelha...
Aromas de som e cor.
Gaivoto sonhos num beijo,
Voando ao vento um poema...
Gritando ao sol um desejo
Numa estrela que aconselha
Um luar inspirador,
Saúde, dinheiro e amor.

(Feijó: 2 de Julho de 2015).

Há Sempre uma Ovelha Ronhosa...

Há sempre alguma surpresa
A esconder inconformismo
Mascarado de franqueza...
Nas famílias, nos empregos,
Onde menos se esperar,
Numa tez maravilhosa,
Numa farsa dolorosa...

Camuflados à defesa
E guardando oportunismo
Embrulhado em subtileza,
Sempre há latentes enredos,
Num contexto ou num lugar,
Como serpente gulosa,
Sempre uma ovelha ronhosa.

(Monte da Caparica: 15 de Julho de 2015).

O Mundo Continua Igual...

Simulamos o que às vezes nos convém ser...
Camaliónicas formas de actuação...
Só na nossa concha a olhar... nada mudará...
À espera dos insucessos de quem trabalha...
Ajudando quando e só nos convém e calha...

O mundo assim permanece no ensandecer...
Parece que tem Confúcio afinal razão!...
Parece que o mundo nunca melhorará,
Mesmo agindo em dignidade a formar muralha,
Mesmo sendo cada um menos um canalha!

(Feijó: 20 de Julho de 2015).

Luar Azul

Lua azul, lua amarela,
A segunda lua cheia
Que num mesmo mês nos chega...
Dois em dois anos semeia
Um luar que nos enleia!

(Viagem Atalaias-Lisboa: 2 de Agosto de 2015).

As Palavras...

Às vezes há palavras que nos doem...
Palavras que nos doem muito ouvir
E que doem também muito dizer...
Mas porque o pensamento até nos moem,
Obrigam-nos em pleno a reflectir,
Ficando-nos cá dentro a remexer,
Fazendo-nos crescer, crescer, crescer!

(Feijó: 4 de Agosto de 2015).

Queria Tanto um Mundo Mais Feliz!

Tenho um mar a abraçar um mundo imenso!
Tenho um mundo a abraçar um mar imenso!
Tenho a tristeza... e a desilusão...
Queria tanto ser forte e fecundo...
Queria tanto um mundo mais feliz!
E ver os rostos todos a sorrir!
Gostava tanto de mudar o mundo!
Tenho um mar de palavras numa mão
Mais um mar de atitudes na outra mão
E junto as atitudes e palavras
Num mundo de atitudes e palavras...
As duas de mãos dadas numa mão,
As duas de mãos dadas noutra mão,
As mesmas atitudes e palavras...
As duas num só mundo de razão,
As duas com o mesmo coração,
As duas com a mesma decisão
Com duas mãos abertas numa mão!
Tenho um mar a abraçar um mundo imenso!
Tenho um mundo a abraçar um mar imenso!
Tenho a tristeza... e a desilusão...
Queria tanto ser forte e fecundo...
Queria tanto um mundo mais feliz!
E ver os rostos todos a sorrir!
Gostava tanto de mudar o mundo!

(Feijó: 16 de Agosto de 2015).

A Luz e a Vida em 2015?!...

«Ano Internacional da Luz» é sempre...
Da física, do espírito, da mente...
Mas poderia ser mais alargado...
P'ra ser ao mesmo tempo proclamado
Ano Internacional de Mais Consenso,
Ano Internacional do Entendimento,
Para iluminar Todos neste Mundo
Com lírios do vale e cravinas, heras,
Também murtas, jacintos e gerberas...
Mais rosmaninhos, rosas, açucenas...
Árvores de esperança sem contendias...
Sem nos zurzirem mais o pensamento!
Dois mil e quinze alerta toda a gente
Pràs chuvas, ventos, plúmbeo céu zangado...
A adejarem sobre nós num peso intenso,
Pedindo Luz e Paz e Amor profundo
P'ra vivermos mais gratas Primaveras
Com um saber feliz e mais fecundo,
Sorrindo a vida um sol mais eloquente,
Sem desinteligências nem algemas!...
Sorrindo a vida mais beleza e senso,
Felicidade em flor, cor e poemas!

(Feijó: 17 de Agosto de 2015).

POSFÁCIO

O Oiro das Palavras

O silêncio é de oiro?

Não é, não.

A fala, as palavras, essas sim.

Elas motivam a comunicabilidade, o diálogo.

As mesmas palavras e a fala

Poderão levantar divergências, conflitos, por vezes ódios, raivas...

Mas são por razões que vêm de outras fontes e nascentes.

E diferentes são os seus fins.

A culpa nunca é da fala nem das palavras.

Mais do que saciar a sede e matar a fome

A fala e as palavras

São a melhor água, são o melhor pão.

A fala e as palavras

Poderão reforçar os afectos.

Expressar o amor

Edificar o saber

Proporcionar todos os labores

Tornar eloquente o que parece mudo

Construir a paz, a honra, a harmonia

A própria poesia

Tanta coisa, tudo.

Esse o oiro

Esse o verdadeiro oiro.

Esse o oiro da fala e das palavras.

Henrique Madeira

SÍNTESE BIOBIBLIOGRÁFICA DO AUTOR

Augusto Deodato Guerreiro

- Natural de Alvalade Sado, concelho de Santiago do Cacém e distrito de Setúbal - Portugal.
- Agregado em Ciências da Comunicação, Especialidade Comunicação e Cultura Inclusivas (UTAD);
- Doutor em Ciências da Comunicação, Especialidade Comunicação e Cultura (UNL).
- Professor Catedrático com Agregação e Investigador na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação (ECATI) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT).
- Investigador do CIC-Digital (CICANT/ECATI/ULHT), simultaneamente Diretor da Linha de Investigação em Linguagens Especiais e Novas Tecnologias desta Associação científica.
- Fundador de diversos eventos histórico-culturais e científicos e de investigação avançada.
- Diretor científico do Mestrado em “Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio”; das Pós-Graduações/Cursos de Formação Especializada em “Educação Especial de Alunos Cegos e com Baixa Visão”, “Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio”, “Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância” e “Comunicação e Mediação Cultural na Cidade para Todos”; dos Cursos de Formação Avançada: “Curso de Braille - Formação Avançada”, “Curso de Audiodescrição - Formação Especializada” e “Curso de Acessibilidade e Usabilidade Web/E-Learning - Formação Avançada”; do Seminário Nacional anual, no âmbito do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, realizado na ULHT, desde 2009, nos seguintes domínios: “Literacias Inclusivas e Tecnologias de Apoio: Impacto Educomunicacional no Direito à Participação Social e Qualidade de Vida das Pessoas com Deficiência” (2016); “Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas” (2015); “Educomunicação e Cultura Inclusivas” (2014); “Especificidades Comunicacionais na Educomunicação no Século XXI: Relacionamento e Interação no Desenvolvimento Humano Inclusivo” (2013); “Comunicação e Cultura no Desenvolvimento Humano: Teorias e Boas Práticas Inclusivas” (2012); “Comunicação e Educação Inclusivas: Metodologias e Estratégias” (2011); “Comunicação, Inclusão e Qualidade de Vida: Desafios e Propostas” (2010) e “Capacidade para Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência” (2009).

Diretor/orientador de investigação avançada e Teses de Doutoramento em Portugal e em Espanha, designadamente na Universidade Complutense de Madrid.

Também foi fundador e Diretor de “Dinamização Cultural: Revista Áudio da Câmara Municipal de Lisboa”; da Biblioteca Ciências da Educação da Associação Promotora do Ensino dos Cegos; da Research and Training Unit in Information Retrieval da International University of Third Age (UITI)/Portugal.

Coordenador do evento científico-cultural “Quartas Culturais” da CMLisboa; do evento científico online Forum Interactivo “o Mundo da Vida” Inclusivo da CMLisboa-ECATI/ULHT-ISS; do Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da CMLisboa; das Atividades Culturais das Bibliotecas Municipais da CMLisboa.

Foi Coordenador da Biblioteca Municipal Camões (a primeira biblioteca inclusiva em Portugal) da CMLisboa; Coordenador Nacional do Grupo de Trabalho para a Leitura Pública, com assento no Conselho Técnico Nacional da Associação BAD/Portugal.

É Personalidade de reconhecido mérito no Núcleo Braille e Meios Complementares de Leitura/Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR), desde 2010, e da Comissão de Braille/por Despacho Interministerial, 1998-2003.

É Membro cofundador da Associação de Ciências da Comunicação (SOPCOM/Portugal); sócio da Associação Portuguesa de Escritores, desde 1993, e da Sociedade Portuguesa de Autores, desde 1972, sendo ensaísta e amante das letras e da literatura, poeta, escritor, músico e compositor.

Estando ligado ao associativismo, sobretudo tifológico, desde há cerca de cinco dezenas de anos, tem vindo a desenvolver atividades no domínio e a desempenhar cargos diversos, inclusive como Presidente.

Foi funcionário da Câmara Municipal de Lisboa, de 16 de Abril de 1973 a 31 de Março de 2010, onde ingressou como Auxiliar de Catalogação e atingiu o topo da carreira Técnica Superior como Técnico Superior (de Bibliotecas e Documentação) Assessor Principal.

Foi Operário Metalúrgico na Fábrica de Máquinas de Escrever MESSA durante quatro anos.

Tem uma vasta obra publicada (32 livros, incluindo os em coautoria e com prefácio e posfácio, e para cima de duas centenas e meia de artigos), essencialmente nas áreas das Ciências Documentais, Ciências da Comunicação e Ciências da Educação, da Tiflogia e da Deficiência em geral, da História e da Literatura.

Destacam-se alguns dos livros publicados: *Cantinho Itinerante do Escritor: Espontaneidade na Poesia e no Verso Branco* (2016). *Safras da Olhalva* (2016, romance). *História Breve dos Meios de Comunicação: da Imanência Pensante à Sociedade em Rede* (2014). *Grito da Boa Fortuna: Ficção Melodramática Perfumada de Comédia e Ameaçada de Tragédia* (2014). *Comunicação e Cultura Inclusivas* (2012). *Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia, Tiflogia, Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal* (2011). *Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência* (2011, org. e coautor). *Para Alvalade com Amor* (2011, org. e coautor). *Nas Asas dos Sentidos* (2001). *Para uma Nova Comunicação dos Sentidos* (2000 - Livro galardoado com o Prémio de Mérito Científico “Maria Cândida da Cunha” do SNRIPD, hoje INR, I.P.). *Bouquet de Antinomias: A um Mundo Novo, Vivo, Livre e São* (1997). *Eu-Criança: Pequenos Contos para Pensar* (1989 - Texto distinguido com “Menção Honrosa”, em 1987, nos “Jogos Florais” Comemorativos do 60º Aniversário da Associação de Cegos Luís Braille, hoje integrada na ACAPO). *Vigília: Prosa e Poesia* (1986).

CANTINHO ITINERANTE DO ESCRITOR



Há cores no pensamento impossíveis de precisar no léxico verbal, mas que se sentem sem palavras, inexplicavelmente fantásticas na semântica da mente, fantasticamente belas e arrebatadoras em paraísos de imaginação e de sonho...

Urge ver mais com o coração... Ver com o coração é a maior carência de todos os tempos... por vezes a ausência dessas aromáticas e úberes cores, que nos alindam por dentro, que nos põem a espargir com elas vazios e selvas, fertilizando-os, não têm lugar nas nossas searas interiores...

São essas cores, as cores, infinitas e persistentes, acres, agridoces, doces, a exalarem perfumes estelares que se espumam no azul do céu a deslizar sorrisos no sol a beijar o mar...

São essas cores, as cores das emoções e da seiva das memórias, num vaivém de tantas lembranças...

São essas cores, as cores das memórias que passam, que ficam, que integram e consolidam o passado, o presente, os futuros...

São essas cores, as cores impossíveis de dizer e de definir... as cores indeléveis do sensível, das brumas das memórias e dos tempos...

São essas cores e a indômita força da poesia, cá dentro, que nos guindam sem medida e nos projetam e unem num promissor "cantinho itinerante do escritor", com lugar em todo o sítio sem longe nem distância... glosando vazios de afortunadas esperanças... VIDA!

Almada, Junho 2016